



Outras matérias

Aprendendo com as palavras

Palavras que usamos e pouco sabemos sobre elas ou não lhes damos a devida atenção. **Semeador**, por exemplo. Do ponto de vista espírita é todo aquele que pratica algum bem pelo pensamento, palavras ou atos. **Serenidade**. Aliada da calma e da paciência, virtudes cada vez mais necessárias no mundo agitado em que vivemos. **Sombras**: tristeza, ingratidão, comodismo, ódio, revolta. Há como substituir. (**Conexões e Reflexões de A a Z**, pág. 7).

“O ódio é uma lâmina invertida”

Esta frase é de uma das personagens do filme adaptado do livro de Mitch Albom “As cinco pessoas que você encontra no céu”, estrelado por Jon Voight. Ao menos, para o veterano de guerra Eddy foram cinco os reencontros impactantes após a sua desencarnação. Um longa repleto de aprendizados. (**DicaFilmes**, pág. 2).



Gilberto Allievi é o autor do livro “Evoações, o Elo Perdido”, resenhado na página 8.

Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná

Site: www.adepr.org.br - Redação: adepr@adepr.org.br

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.”- Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXIX Curitiba - Janeiro / Fevereiro de 2026 Nº 173
Assine e Recomende!

Obra de autor paranaense alerta para o perigo de um “Espiritismo sem espíritos”

Conforme afixava acertadamente Léon Denis – frase de impressão permanente no frontispício deste jornal -, “O Espiritismo será o que dele fizerem os homens”. Pois não se pode dizer que estamos fazendo o melhor ou o suficiente. Engana-se quem pensa que todas as mudanças representam progresso e consolidação doutrinária.

O distanciamento das origens kardequianas, principalmente, em suas práticas, compromete o Movimento Espírita, afastando pessoas com excelentes potenciais, apenas por conta de levantarem questionamentos e novas ideias.

Em épocas diversas já se tentou abolir a prece de suas reuniões. Jesus foi relegado a segundo plano. A aplicação do passe é criticada por alguns, apesar de seu caráter facultativo e, de fato, não representar uma atividade habitual do

Codificador. O aspecto religioso discute-se até hoje.

Criaram-se muitas regras transformando a exigência da disciplina em entraves burocráticos. Caminhou-se do assistencialismo puro para a ausência de qualquer assistência material. Acertos e erros!

Deve-se privilegiar o estudo. Mas estamos estudando realmente? Não é o que sugere o livro “Evoações – o Elo perdido”, de Gilberto Allievi, ao menos, em relação a um dos pilares do Espiritismo que é a mediunidade.

Segundo o autor, estamos caminhando para um “Espiritismo sem espíritos” e isso é não só uma

contradição, mas embute um grave prejuízo em relação à divulgação da Doutrina, ao consolo que ela deve proporcionar, bem como ao seu crescimento e influência na sociedade. (**Livros que eu recomendo**, pág. 8).



Nem tudo que se propaga da vida de Jesus é verdade

Trazemos nesta segunda parte do nosso estudo sobre Jesus algumas frases falsamente a ele atribuídas. Também revelações sobre o vinho, fel ou mirra e vinagre que lhe foram oferecidos na cruz. E, ainda, sete frases ditas por ele neste momento máximo, o terremoto e trevas e suas aparições após a suposta ressurreição. (**Palavra dos Espíritos e dos espíritas**, pág. 4 & 5).

A mente e a vontade, segundo Buda e Agostinho de Hipona, respectivamente

Nesta edição estendemos comentários sobre dois aforismos cuja autoria é de Sidarta Gautama e Agostinho, um dos pais da Igreja, mas reverenciado pelos espíritas pelas suas contribuições em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Um fala do poder criativo da mente, nobre faculdade ou estrutura do espírito, e o outro de resiliência pela esperança. (**Trocando em Miúdos**, pág. 6).

O corpo como um meio e não o fim

Ao longo da trajetória do ser humano pela face da Terra, o corpo físico teve seus momentos de descuido, desprezo e até abominação, notadamente quando envolvia o sexo. Entretanto, tem prevalecido o hedonismo. Atualmente, não só pelo aspecto do prazer imediato e a qualquer custo, mas até com a boa intenção de mantê-lo saudável e belo, os excessos comprometem. (**Editorial**, pág. 2).



Cuidados com o corpo: quando o bem faz mal

Mens sana in corpore sano, proclamou o poeta romano Juvenal, nascido entre 55 e 60 d.C. e falecido em torno do ano 127.

Mesmo no original em latim, é fácil a compreensão do que ele quis dizer, ou seja, a necessidade de se ter uma mente saudável, estado que deve se refletir no bem-estar do corpo. Ou, indo além, propõe a busca do equilíbrio entre as duas contrapartes do ser humano, desde que se coloque a mente como sinônimo de espírito ou, ao menos, uma faculdade inerente a ele.

Durante muitos séculos e ainda hoje no seio de algumas religiões como o Budismo e o Hinduísmo cultivou-se um estilo de vida baseado em forte disciplina pessoal com a autoimposição de sacrifícios corporais visando o desenvolvimento da espiritualidade.

Isto, por exemplo, aconteceu com o ascetismo, filosofia cujo objetivo era a purificação da alma às custas de jejuns, pobreza e meditação. Monges, iogues e sacerdotes adotaram essa prática. Mas pessoas individualmente também tiveram suas vidas marcadas por este comportamento como Lao-Tsé, Buda, Santo Agostinho, Francisco de Assis e Gandhi.

Muitos, levados pelo fanatismo religioso, entregam-se às autoflagelações, julgando que este tipo de ato agrada a Deus, redime pecados, compartilha o sofrimento de Jesus e conduz ao céu.

Atualmente, o que se vê são as academias cheias de pessoas buscando condições mais saudáveis ou simplesmente modelar melhor a forma do corpo. Em nome da boa forma e da estética, chegam ao exagero de frequentar estes locais em plena madrugada por falta de tempo de fazê-lo de dia.

Em sua rotina abdicam do atendimento de outros compromissos importantes, até do próprio repouso diário e com isso acabam, não raro, estressando músculos pelo excesso de exercícios e a mente pelo incômodo de não conseguir cumprir com todos os compromissos profissionais e familiares. Isso quando não caem na contradição de usar substâncias químicas para compensar a perda de energias e melhorar a aparência.

Um corpo físico saudável é inegavelmente de fundamental importância para o bem-estar do ser humano, especialmente quando se o toma como instrumento de ação do espírito encarnado. É ele que permite ao ente imortal agir e auferir experiências enquanto estagia no plano material. Porém, os cuidados a ele dedicados não devem exceder ao razoável e necessário para mantê-lo em condições de se mostrar um veículo tão eficiente quanto possível.

Preocupações demasiadas com a aparência exterior ou mesmo supostas exigências orgânicas tendem a prestar um desserviço ao indivíduo, comprometendo o equilíbrio entre a alma, mente e corpo. Todo excesso é inapropriado e traz consequências negativas.

Para atingir a verdadeira saúde do corpo e da mente, melhor seguir o caminho do meio, isto é, da moderação de Aristóteles. Administrar ade-

quadamente tempo, esforços e recursos para atuar com sabedoria em todas as áreas de atividades, deixando de lado as vaidades vãs, as expressões ilusórias e se fixar naquilo que realmente importa: a saúde, a paz e uma consciência tranquila.

DicaFilmes

O filme que recomendamos nesta edição é “**As cinco pessoas que você encontra no céu**”, disponível no *YouTube* com acesso gratuito. O longa (02:37 horas) é uma produção do ano de 2004, com direção de Lloyd Kramer e tem no elenco Jon Voight no papel principal, além de Ellen Burstyn, Jeff Daniels e Dagmara Dominczyk.

O filme é uma adaptação do livro de Mitch Albom e conta a história de Eddy, um idoso, veterano de guerra, apresentado como um homem que se sente insatisfeito com a sua vida e, ao acordar no céu, encontra cinco pessoas que lhe mostram o verdadeiro sentido da vida.

Ao morrer em um acidente de trabalho no dia de seu aniversário de 83 anos, tentando salvar a vida de uma menina, Eddy vê-se em uma espécie de mundo transitório onde, uma por vez, é confrontado com cinco pessoas que tiveram profundo significado em sua vida: um motorista de automóvel que quase o atropela quando criança (“Nada acontece por acaso – esclarece ele – estamos todos ligados”); um capitão, companheiro de batalha nas Filipinas; uma mulher que revela certas verdades sobre seu pai; (“O ódio – ensina ela – é uma lâmina invertida”); a paixão e o drama da esposa e uma menina vítima da guerra.

E, à medida que vivencia fatos e trajetórias com estes personagens, em suas próprias versões, é obrigado a refletir para além de suas opiniões, compreendendo melhor suas experiências e as conexões que fez ao longo da vida.

Alguns aspectos de maior relevância para os espíritas e espiritualistas em geral são a vigência da lei de causa e efeito e destino ao abordar a ideia de que todas as pessoas estão interconectadas e que nossas ações têm consequência, mesmo que passem despercebidas no momento em que acontecem.

Ao ver e ouvir os relatos das cinco pessoas que mais influenciaram a sua vida e sobre as quais mantinha conceitos incompletos e equivocados, Eddy tem a oportunidade de rever conceitos e princípios, encarando de maneira mais objetiva suas alegrias e arrependimentos.

O filme incentiva a uma postura de busca de empatia, colocando-nos no lugar dos outros antes de fixarmos julgamentos definitivos sobre o comportamento das outras pessoas.

Enfim, um filme inspirador que provoca reflexões sobre a vida, a morte e a sobrevivência da alma, incluindo as relações familiares e a brutalidade da guerra.

Há seis meses já contava com mais de 175.000 visualizações no *YouTube*.



EXPEDIENTE
Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA
Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Editor
Wilson Czerski

Jornalista Responsável
Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador
Aparecido José Orlando

Endereço para Correspondência
Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6
Boqueirão - Curitiba - PR
81670-080

Tiragem desta Edição
600 exemplares

Impressão
Folha de Londrina

Assinatura anual do jornal: R\$ 30,00.

Depósito Banco do Brasil

Agência 2823-1 conta corrente 205.755-7

CNPJ: 01.470.216.0001-83.

Informações pelo e-mail: adepr@adepr.org.br



A edição de número 113 deste jornal, referente ao bimestre janeiro-fevereiro de 2016, trouxe na capa em destaque a seguinte matéria: “Luz e sombras; O Bem e o Mal: a Terra em transição”.

Logo no primeiro parágrafo falava em “separação do joio e do trigo” e comparava o processo da transformação do mundo de provas e expiações para o de regeneração a uma casa em reforma.

Alertava que somente uma análise apressada da situação atual da nossa sociedade planetária poderia induzir a uma conclusão equivocada. Ocorrências como o terrorismo, guerras civis, milhões de refugiados, ditadores com ameaças de uso de armas nucleares, o lixo invadindo nossos rios e mares, a dissolução dos costumes, a violência urbana, o trânsito insano, tudo isso poderia oferecer um retrato de desolação e desesperança.

Porém, a um olhar mais atento, considerando as dinâmicas presentes nas revoluções, sejam de que natureza forem, no caso, mais especificamente morais, não se deve admirar que assim esteja sendo.

O principal sintoma apontado no texto como argumento a favor de que estamos, apesar de tudo, progredindo, foi “a precocidade intelectual e o caráter renovador das gerações que estão chegando... espíritos preocupados com a ecologia, justiça, respeito pelos diferentes, com a solidariedade, além de todo o extraordinário progresso tecnológico...”.

O **Editorial** baseou-se em uma oração atribuída a Voltaire que, embora crítico implacável das imposições da Igreja Católica, acreditava em Deus. Em certa altura, em sua prédica, o filósofo francês diz: (...) *Que as pequenas diferenças entre as vestimentas que cobrem nossos corpos, entre nossos costumes ridículos, entre nossas leis imperfeitas e nossas opiniões insensatas não sejam sinais de ódio e perseguição... Que aqueles que dominam uma pequena parte deste mundo e possuem algum dinheiro, desfrutem sem orgulho do que chamam de poder e riqueza... Que eles tenham horror à tirania exercida sobre as almas...*

Ainda na página 2 registramos inúmeras congratulações pelo 20º aniversário da ADE-PR, celebrado no mês de outubro anterior e motivo de destaque na edição de novembro-dezembro. As correspondências publicadas vieram de Recife, São Paulo, Natal-RN, São José-SC e João Pessoa-PB.

Na página 4, tal como faremos na próxima edição, sempre em nome da necessária transparência para com nosso público, mas, principalmente, com os Associados-efetivos e demais colaboradores, publicamos o Demonstrativo de Receitas e Despesas, então, do biênio 2014-2015.

Na página 5, na seção **Lentes Especiais**, tivemos duas matérias. A primeira delas, sob título “As mortes nos ataques terroristas de Paris”, buscou uma análise espírita para o ataque de novembro do ano anterior em uma boate da capital francesa que causou a morte de 123 pessoas.

Um exame mais apurado das questões contidas na Lei de Destruição, na 3ª parte do capítulo VI de “O Livro dos Espíritos”, levou-nos a concluir que “(...) ao se referir aos flagelos, guerras e crueldades, nada ali fala sobre expiações coletivas e sim em necessidade de progresso, regeneração moral e provas... para fazer a humanidade avançar mais depressa”.

E seguimos: “Baseados nestas informações não cremos que todas as pessoas que perderam a vida nestes e outros atentados, separados por dias ou semanas, no Líbano, Turquia, Quênia, no Mali e no avião russo com 224 passageiros sofreram punição por erros cometidos em vidas passadas... O mais lógico nestes casos é admitir a atuação do livre-arbítrio de um grupo de indivíduos que se impõe pela violência

sobre vítimas desprotegidas”.

A outra matéria desta página tratou da “Terapia espiritual em animais”, repercutindo uma matéria exibida no programa *Fantástico* da Rede Globo no dia 16/08/15 sobre um centro espírita da capital paulista que aplicava passes e fazia cirurgias (sem incisões) em animais de estimação.

Ao se visitar o site da instituição, nos deparamos com muitas citações de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Espíritos” (Q. 607) e o livro “Conduta Espírita” (cap. *Perante os Animais*) como argumentos e motivação para a tarefa.

Outra reportagem, esta do SBT, de 06/08/12, portanto, bem anterior e disponibilizada no *YouTube*, informava que nessa época, eram atendidos cerca de 250 animais semanalmente.

Na página 6, um artigo de Samira Turconi discorreu sobre “*A Física Quântica e a Lei da Atração*”. *Reproduzimos o último parágrafo. A Física Quântica apresenta um link para a espiritualidade e traz definitivamente o Espírito para o centro das investigações científicas. É justamente na espiritualidade que reside a essência do homem e é por essa essência que atuamos no oceano da força mental. Atrair o bem é pensar nele e produzi-lo com nossas emoções e atitudes. É entender que vivemos num Universo interconectado e que o cimento que solidifica todo esse Universo é o AMOR*”.

Na página 7, seção **Perguntas & Respostas**, questionava-se as causas e eventuais responsabilidades da gestante nos casos de aborto espontâneo. A segunda pergunta foi sobre uma situação muito comum em nosso país: *Uma pessoa atacada por um delinquente que comete um assalto na rua, do ponto de vista espiritual, quais podem ter sido as causas?*

Aos que desejarem conhecer as respostas, convidamos a visitar o nosso site e buscar a edição Nº 113.

Ainda nesta página, no “**Você Sabia?**”, uma curiosidade sobre o filósofo Jean Jacques Rousseau e um resumo sobre a muito pouco conhecida história de Jonathan Koons, criador de uma “câmara espírita” para manifestação de espíritos entre os quais se manifestava, inclusive, o espírito do corsário Morgan que fora pai de Katie King.

E, fechando a edição, em **Traços Biográficos**, traçamos o perfil de Deolindo Amorim, figura muito especial no Movimento Espírita Brasileiro e que, entre tantos feitos, promoveu o I Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, em 1939.

Você sabia?

I- Que o espírito de Viana de Carvalho, psicografado por Divaldo P. Franco no livro “Atualidade do pensamento espírita”, apresenta uma interpretação diversa para o episódio da cura de Jesus do cego de nascença? Viana não discorda que as palavras “nem ele pecou nem seus pais” reportavam a uma reencarnação anterior do homem, mas sem significar que a deficiência fosse consequência da lei de causa e efeito e, sim, que ele viera para demonstrar o poder de Jesus.

II- No livro “Fantasmas, espíritos e aparições”, a autora Linda Williamson narra que um marechal da Força Aérea Britânica, na Segunda Guerra Mundial, participava de sessões espíritas e acreditava na reencarnação. Ele contou em livro vários casos de soldados mortos em batalha. Uma das médiuns era Estelle Roberts. Um deles contou que fora socorrido pelo espírito de um árabe (civil).

O que Jesus disse e o que não são suas palavras

Vamos dar continuidade ao nosso estudo sobre a vida de Jesus iniciado na edição passada. Escrevemos no final do texto de então a respeito dos livros escritos por José Lázaro Boberg, grande estudioso e pesquisador sobre o nosso tema.

A proposta aqui é transcrever alguns apontamentos extraídos de um deles, “O Evangelho de Judas”, publicado pela editora EME, edição 2016. A sequência é a mesma constante do livro.

Segundo este autor, grande parte dos milagres são mitos e 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos evangelhos não são verdadeiras. Por exemplo, a máxima “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” seria de Krishna de 5.000 a.C., mas ao buscar o texto original o autor reproduz “Eu sou o caminho... eu sou a vida... sou eu mesmo a luz da verdade...” o que não é exatamente a mesma coisa.

Antes de seguirmos, cabe abrir parêntese aqui para uma informação a mais a respeito do que Jesus teria dito ou não. No Livro do Ano 1995” da *Encyclopédia Britânica Barsa*, à pag. 350, encontramos que no livro “Os Cinco Evangelhos: a busca das palavras autênticas de Jesus”, a conclusão dos estudiosos é a de que 82% dos ditos dele na bíblia – *sic*, não são autênticos

Boberg segue nesta análise: “Eu sou o pão da vida... o caminho, a verdade e a vida, a luz do mundo” etc, frase mencionada pelo evangelista João, não teriam sido ditos, bem como “Sem mim nada podeis fazer”, em contradição com “Fareis o que faço e ainda muito mais”.

Na sequência, ele informa que havia três grupos de seguidores de Jesus: os ouvintes – simpáticos, mas não o seguiam; os 70 – que o seguiam, anunciavam a sua chegada, faziam algumas pregações em seu nome e destes ele escolheu os 12 apóstolos. Tais tinham seus próprios seguidores porque nem sempre estavam reunidos e pregavam, às vezes, em regiões diferentes.

Mais à frente, um estudioso citado pelo autor, o ex-padre Marcelo da Luz, declara que Jesus teria sido levado a Pilatos após o episódio dos “vendilhões do templo” porque ali desafiara as autoridades (elites judias, cheias de rituais e dinheiristas). Roma quis exemplificar, com a condenação, para evitar agitações na província. De acordo com esta tese, “Jesus construiu o caminho de sua morte... um autocídio”.

Boberg também duvida da frase: “... será entregue. Mas ai daquele por quem o Filho do homem é traído. Melhor lhe faria não tivesse nascido”.

Talvez tenha razão se raciocinarmos que, de fato, se era um determinismo Judas trair Jesus, então, ele não poderia ser responsabilizado por este ato.

O vinho, fel ou mirra e o vinagre: crueldade ou compaixão?

Mas Boberg não é o único a apontar supostos erros nas narrativas evangélicas a respeito de frases creditadas a Jesus. Encontramos, também, referências no livro “Casos controvertidos do Evangelho”, de Paulo Alves Godoy.

O evangelista Mateus relata que ele disse “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Lucas fala diferente: “Pai, nas tuas mãos entrego



o meu espírito” e João “Tudo está consumado” ‘e inclinando a cabeça entregou o Espírito’. Mateus e Marcos falam que os dois salteadores crucificados juntos o inquiriram e Lucas diz que só um.

Passemos agora à “Revista Internacional de Espiritismo”, edição de julho de 2016 e artigo assinado por Dorothy Jungers Abib. A articulista fixa-se mais nas passagens incompreendidas da crucificação. Somente Marcos e Mateus citam o vinho com fel (ou mirra) que deram de beber a Jesus. A mistura de vinho ou mosto junto com a mirra, uma bebida amarga, foi confundida com fel e era oferecida aos crucificados para lhes aliviar o sofrimento, pois era entorpecente; era uma misericórdia dos romanos.

Jesus recusa tomar talvez por sentir-se forte o suficiente para resistir à dor. Para os exegetas, esse ato pareceu de crueldade por ignorância dos fatos ou por atitude piedosa (sentem dó) para motivar mais respeito a ele.

Quanto ao vinagre quando ele dissera que tinha sede, os quatro evangelistas citam. Jesus teria dito “Está consumado” e expirou. Também isto é interpretado como ato de crueldade, mas se os romanos deram por piedade vinho e mirra e se havia no local vinagre, esponja e caniços, é porque era costume oferecer também isso. O vinagre é refrescante. Misturado com água era dado aos soldados (Mc 15:36), aos operários (Ru 2:14). Era um vinagre diferente do nosso, espécie de vinho mais ácido.

Outra informação a respeito da bebida oferecida ao Cristo encontramos no livro “Saúde e Espiritismo”, da AME-BR, à pág. 367: a mistura de fel com vinagre que Jesus recusou era preparado com raízes de mandrágora, anestésico a partir dela usado em cirurgias e dado aos condenados. Mas a divergência entre fel ou mirra permanece.

As sete frases na cruz; terremoto e trevas; as aparições após a “ressurreição”

Matéria da revista “O Cruzado”, 1º semestre-2001, Ruy Kremer fala sobre “as sete frases de Jesus na cruz”. Uma citada por Marcos e Mateus, três exclusivas de Lucas e três outras exclusivas de João. São elas: 1) Pai, perdoa-lhes pois não sabem o que fazem (aos que o insultavam e zombavam); 2) Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso (ao bom ladrão); 3) Mulher, eis teu filho (à Maria sobre João); 4) *Heli*,

heli, lema sabachthani – meu Deus, meu Deus, por que (para que) me abandonaste (desamparaste)? Jesus estava recitando o Salmo 22; as duas primeiras palavras são hebraicas e as duas últimas em aramaico. Era costume judeu e até hoje, no Pentateuco, algumas orações, etc citar só a primeira palavra ou frase; 5) Tenho sede (soldados dão esponja embebida em água acidulada - posca); 6) ‘Está consumado’ (também do salmo 22 onde Mateus e Marcos citam as primeiras palavras e João a última); 7) Pai, em tuas mãos entrego meu espírito.

Novamente Paulo Alves Godoy, em sua obra citada há pouco, lembra que o primeiro ato público de Jesus foi o das bodas de Canaã, durante a qual ele transformou água em vinho (seis taças). Era um simbolismo da transformação da velha religião judaica na nova cristã e ensina que “não se pode pôr vinho novo em odres velhos”.

Já em “A Gênese”, de Allan Kardec, lemos que na hora da morte de Jesus narra-se a ocorrência de terremoto, trevas e ressuscitamento de santos. O Codificador entende haver exageros. Não teria sido eclipse, também, porque era lua cheia e os eclipses solares só ocorrem com a lua nova.

Seguindo com esta Obra Básica, Jesus fez cinco aparições após a ressurreição: a) a Maria Madalena no sepulcro; b) a dois discípulos na estrada de Emaús; c) em Jerusalém (comeu peixe assado e mel); d) oito dias depois, também em Jerusalém, a Tomé que não estava na primeira vez e esse o tocou; e) à margem do Tiberíades (“e eles não haviam pescado nada e Jesus mandou que lançassem a rede do lado direito da barca e as redes se encheram”).

A *Revista Veja*, edição de 25/12/2002, dia de Natal como se vê, e exatamente a propósito disso, trouxe ampla reportagem sobre a vida de Jesus. Como temos informado aqui, em princípio trabalhamos nesta seção com fontes espíritas, de encarnados ou desencarnados. Isso não significa que nos sintamos impedidos de recorrer a outras fontes confiáveis que possam contribuir para os esclarecimentos de algum tema que estejamos abordando, como é o caso agora.

Resumimos a seguir, em ordem de edição, o que a *Veja* publicou de mais relevante a respeito de Jesus.

No século XVII, São Francisco de Salles escreveu o livro “Introdução à Vida Devota” em que defendia que não era preciso se recolher a um mosteiro para imitar Jesus ... Com algumas modificações e alguma simplificação é essa a linha de pensamento que guia importantes correntes da atualidade como o protestantismo liberal e o Espiritismo kardecista. Jesus, para essas denominações, é fundamentalmente um exemplo ético – aquele que ensinou praticar o bem e a solidariedade. Ou, no caso dos kardecistas, o mais iluminado entre os espíritos encarregados de transmitir a sua boa-nova... Mas eles se colocam à margem da tradição cristã por tirar de Jesus a dimensão mística que esta considera inalienável, a da ligação com o Pai.

(...) Os seguidores de Maomé não acreditam que Jesus seja o Filho de Deus já que o Corão diz que Alá não gerou nem foi gerado e repudiam a Santíssima Trindade que violaria o conceito da unicidade de Deus. Mas consideram Jesus um dos grandes profetas e admitem a concepção imaculada; não creem na crucificação; Alá teria poupado Jesus fazendo com que aqueles que olhassem para a cruz vissem seu rosto no de outro homem.

(...) Chegou-se a dizer que a existência de Jesus – hoje



amplamente comprovada – era uma fraude... Para os judeus a ideia de que Deus tenha sacrificado Seu filho na cruz ou que um inocente deva morrer pelos pecados de outros, é inaceitável.

Os evangelhos e João Batista

Aproveitando que estamos discorrendo sobre tópicos provenientes de fontes não espíritas, citamos o livro “César e Cristo”, de Will Durant. Didaticamente ele explica que os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são sinópticos, sendo que o primeiro seria o de Marcos, mas a tradição ortodoxa acha que foi o de Mateus. A crítica acha que este foi de um discípulo seu e escrito entre 85-90. Visava converter os judeus. O de Lucas não visava a conversão de judeus, mas de pagãos. Só no evangelho de João aparece o caso da adúltera.

Dos 661 versículos do evangelho de Marcos, 600 também constam em Mateus e 350 em Lucas; o de João contradiz os outros três em uma centena de pontos. As contradições são de pormenores e não devem ser ficção porque narram até fatos desagradáveis como a competição dos apóstolos por posições no Reino, a fuga depois da prisão de Jesus, a negação de Pedro, o fracasso de Jesus em operar milagres na Galileia, referências de alguns ouvintes de sua possível loucura, suas incertezas iniciais quanto à missão, suas confissões de ignorância do futuro.

As ideias de magia, demônios e anjos, possessão, exorcismo, milagres, profecias, astrologia e adivinhação eram coisas aceitas em toda parte.

João Batista tinha mais ou menos a mesma idade de Jesus; cultivava o ascetismo dos essênios. Quando chegou a notícia de sua decapitação, Jesus assumiu o posto de chefe e o risco.

MARIA ANA DE BRITO VALIM

Fonoaudióloga e Psicopedagoga
CRF 9353/PR

+55 41 9.9976-4833

maria_ana_valim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, 4214, conj. 203
80250-210 - Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação
Disfagia: Parkinson, ELA, TCE (neurológicos)
Linguagem: Adulto nas afasias e demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central (PAC)
Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia
Avaliação e Terapia Psicopedagógica
Orientação Institucional e Familiar
Atendimento Particular no Consultório



A lei da mente é implacável. O que você pensa, você cria. O que você sente, você atrai. O que você acredita, torna-se realidade. Vejamos um dos diversos aforismos atribuídos a Buda. “Buddha”, do sânscrito, significa “Desperto”, título dado àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenômenos e se puseram a divulgar tal descoberta aos demais seres. Mas, mais comumente, Siddharta Gautama (563 a.C – 483 a.C), recebe a denominação de “O Iluminado”.

O que ele afirma na frase acima tem tudo a ver com os ensinamentos espíritas. O poder do pensamento é imenso. Constrói e destrói, atrai e repele; equilibra ou desorganiza. Proporciona saúde ou pode ser fonte primária da enfermidade; proporciona felicidade ou causa sofrimento. Na verdade, no dinamismo humano, tudo começa nele e com ele.

O que pensamos hoje tende a se tornar realidade amanhã. A vontade dirige e o pensamento realiza. Para o bem e para o mal. Educar o pensamento é um dos principais desafios colocados diante do espírito em busca do progresso, isto tanto enquanto encarnado como no estado de erraticidade.

No decorrer de um dia de rotina encontramos muitas dificuldades para manter o pensamento alinhado com Deus e os ideais superiores. Ficamos absorvidos pelo momento presente, preocupados quase que exclusivamente com a nossa subsistência e demais ocupações terrenas.

Daí a importância de incluirmos nessa rotina diária alguns momentos dedicados à reflexão, relaxamento e meditação como os seguidores do mestre budista faziam e fazem. Mas, há que se ir um pouco mais longe e mantermos nossas ideias e emoções sob controle. A oração frequente e a vigilância permanente são fundamentais para uma vida espiritual feliz, mesmo aqui no palco terrestre.

A fé no futuro e consciência tranquila como condições de felicidade, conforme a questão 922 de “O Livro dos Espíritos”, são obtidas a partir de um pensamento equilibrado, hígido, otimista, ligado às fontes superiores, ainda mesmo quando tratando dos compromissos mais triviais da vida material. E então, a nossa paz será inquebrantável e o futuro feliz uma garantia.

Vamos tratar da fé e da esperança em um só tópico pela aproximação de seus valores morais, pois ambas servem para impulsionar o ser humano para além das suas próprias forças em busca de realizações e bem-estar.

Esta aproximação pode ser observada claramente no dia a dia das pessoas gerando significativas diferenças no seu modo de viver. Quem consegue incorporar em seus hábitos o cultivo da fé e da esperança tem muito mais chance de sucesso em tudo o que faz. Através destes dois sentimentos torna-se capaz de avançar pelas dificuldades muito mais aparelhado do que aquele que não as possui.

E isso ocorre em todos os setores da vida como na manutenção ou recuperação da saúde, na consecução de objetivos materiais, na superação de uma crise conjugal passageira e, principalmente, nas expectativas da realidade espiritual, incluindo aí a existência de um Deus perfeito, justo e bom e a nossa própria sobrevivência após cada jornada cumprida aqui no palco terrestre.

Perguntaríamos qual das duas é a mais importante: a fé ou a esperança? Pessoalmente somos de opinião que a fé é mais poderosa. É ela que

alavanca as forças do ser humano para as conquistas mais importantes. Já a esperança parece-nos ser aquela situação em que a fé já não existe ou enfraqueceu substancialmente. O indivíduo não acredita mais convictamente de que tal coisa se realizará. Restam somente poucas possibilidades que, se medidas em percentagem, seriam baixas ou baixíssimas.

Para dar um exemplo, um paciente terminal com prognóstico de poucas semanas de vida, talvez ele e seus familiares, estejam mais próximos da resignação daquilo que lhes parece inevitável do que de uma fé robusta de que o quadro pode ser revertido. Porém, bem no fundo de todos eles ou de alguns, apesar das palavras realistas do médico ou do próprio aspecto do paciente, talvez ainda reste uma esperança tibia de que ele possa sobreviver. Conforme o dito popular, a esperança é a última que morre ou enquanto há vida há esperança.

E o assunto continua sendo esperança, mas agora sob outro aspecto. É o que nos traz o santo católico Agostinho, bispo de Hipona, e cujas mensagens, depois de desencarnado, estão presentes em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, estabelecendo uma relação entre a vontade e a

possibilidade de sucesso. Para ele, **Enquanto houver vontade de lutar haverá esperança de vencer.**

Depende de nós buscar do fundo de nossa intimidade razões para seguir sempre em frente. Muitas vezes, esse impulso interior obedece somente à natureza do próprio espírito, resultado de conquistas anteriores e estabelecidas como virtude de caráter.

É o espírito mais maduro que não teme as adversidades porque já se acostumou e aprendeu com elas. Talvez tenha sido tarefa para muitos séculos ou concentrado em experiências as mais dramáticas que forjaram esta qualidade e permitiram que ela se incrustasse em seu ser a ponto de não permitir quaisquer vacilos diante dos maiores obstáculos.

Quando este estágio ainda não foi atingido em plenitude, talvez esteja ele, o viajor das múltiplas jornadas reencarnatórias, construindo, a muito esforço, os alicerces desta mesma virtude, o livre-arbítrio em ação. Sim, porque todos nós que atingimos a condição da racionalidade humana, dispomos desta capacidade de exercer a autonomia em relação às opções que o caminho se nos oferece em todas as esferas de ação.

Na questão 909 de “O Livro dos Espíritos”, o mestre lionês indaga aos Instrutores Superiores se o homem poderia sozinho vencer sempre suas más tendências. E a resposta até surpreende. *Sim - dizem -, e, algumas vezes, por fracos esforços. É a vontade que lhes falta. Ah, quão poucos dentre vós fazem esforços!*

Mas não basta possuir o livre-arbítrio se não conseguimos sustentar a vontade por muito tempo ou se ela é débil demais para transformar os desejos em realidade. Por isso, dizemos que se necessita não apenas ter vontade, mas força de vontade, firmeza, persistência, intensidade.

Dizíamos que em muitos casos, enquanto a virtude da vontade poderosa e realizadora ainda não se solidificou, temos que recorrer às racionalizações. Se o impulso ainda não sabe ser espontâneo e automático, exigirá de nós treinamento e a cada experiência vitoriosa nos sentiremos mais fortalecidos e motivados para encarar outros desafios maiores.

Todos nós que atingimos a condição da racionalidade humana, dispomos da capacidade de exercer a autonomia em relação às opções que o caminho se nos oferece em todas as esferas de ação.



Seguindo a ordem do alfabeto português, nesta edição escolhemos algumas palavras iniciadas pela letra “S”. E a primeira delas é **SEMEADOR**. Todos conhecemos a parábola do semeador descrita nos Evangelhos, inclusive, em uma das obras básicas da Doutrina Espírita.

Mas o nosso enfoque aqui vai um pouco além para, em suma, demonstrar que a gama de sementeira é muito vasta. Poderíamos inicialmente pensar que os semeadores da Boa-Nova são somente os seus divulgadores, aqueles que atuam na seara de disseminar os ensinamentos contidos em livros considerados essenciais ao seu corpo doutrinário.

Mas não é bem assim. Na verdade, semeador é todo aquele que trabalha praticando o bem. Toda vez que um indivíduo faz uma prece por alguém ou direciona um bom pensamento a quem quer que seja, está semeando. Toda vez que uma pessoa exemplifica em alguma circunstância, tempo ou lugar, com uma ação nobre, ela está semeando.

Pensamentos, palavras e atos diários, regulares, adotados como normas de conduta, também constituem sementes porque não só beneficiam diretamente uma ou mais pessoas, mas induzem que outras repliquem o comportamento positivo, gerando uma corrente do bem. Talvez essa boa influência cesse logo mais ali adiante, porém, já foi suficiente para alterar para melhor o estado de coisas até então em vigor.

E aí, sim, fica a critério de cada um ou condicionado às suas possibilidades, desejos de escolha ou formas de se tornar um semeador efetivo, conforme relata a parábola. Podemos achar que não vale a pena semear em terrenos reconhecidamente inférteis. Seria uma forma diferente de interpretar o constante em Mateus 7:6: “que não se dê pérolas aos porcos”.

Ou seja, é desperdício querer ajudar quem não quer ser ajudado. Para que insistir em oferecer o conhecimento das coisas elevadas, dos valores superiores a quem se compraz em chafurdar na lama moral? De que vale entregar o bem a quem reiteradamente só faz o mal?

Bem, pensamos que é perfeitamente válido fazermos uso racional sobre aquilo que despendemos em favor de outrem. Contudo, há um outro lado quando nos lembramos das palavras do Cristo sobre se dar sem olhar a quem. Quer dizer, que muitas vezes não estamos capacitados a sondar o íntimo de cada indivíduo para se ter certeza de que ele nada aproveitará da nossa semente. Como, também, desconhecemos se não será exatamente desta vez que ele, finalmente, está se defrontando com a sua estrada de Damasco.

É natural que algumas das nossas sementes, apesar de terem sido selecionadas com o máximo de carinho e cuidado, percam-se na beira do caminho levadas pelo vento ou arrebatadas por pássaros famintos, o que já atestaria uma utilidade. Ou atiradas aqui ou acolá, não consigam germinar sobre os pedregulhos da incompreensão ou descaso. Melhor não criar expectativas sobre o futuro.

Muita gente, embora não admita, só faz o bem quando espera algum tipo de recompensa, ainda que não seja para beneficiá-la pessoalmente, mas para desfrutar da felicidade promovida na vida de alguém. O auxílio financeiro terá que ocorrer de modo que ela veja o efeito de seu ato.

Devido a um certo grau de imaturidade, ainda não conseguem se libertar do desejo de testemunhar os resultados de sua benevolência. Não atingiram o nível de simplesmente fazer o bem pelo bem ou – novamente, segundo Jesus –, não saber a mão esquerda o que fez a direita.

Nem sempre, pois, é possível semear somente nos ambientes

propícios como um centro espírita, por exemplo, onde a palavra de um palestrante atingirá 30 ou 100 pessoas receptivas à boa palavra.

Muitas vezes temos que arriscar a semear mesmo nos terrenos inóspitos cujos ouvidos podem ser indiferentes, interesseiros ou francamente hostis, como, as mais das vezes, ocorre nos presídios.

Outras ocasiões há que em que escrevemos no jornal ou falamos no rádio ou na televisão sem ter ideia do alcance daquele meio de comunicação. Quantas pessoas ouvem ou assistem? Dez? 80? 300?

Nesses casos não há expectativa de retorno, raramente algum agradecimento. Nossa sementeira foi bem ou mal aplicada? Não importa. Fizemos a nossa parte. Cumprimos com o nosso dever. A sementeira é nossa, porém, a colheita é de Deus.

SERENIDADE, calma, paciência. Está cada vez mais difícil cultivarmos estas virtudes. A calma, geralmente, é remédio de uso imediato a uma circunstância ou acontecimento que exige prevalência da razão para resolver o problema ou contornar a situação.

Da paciência, atitude de longo prazo, decorre a serenidade que nos faz encarar as adversidades de uma maneira mais inteligente ou até mesmo sábia. Muitas pessoas acham que possuir uma língua afiada, sempre com respostas contundentes e à altura de qualquer embate, certo ou errado, é demonstração de inteligência e virtude.

Talvez não seja bem assim. Capacidade de retrucar qualquer provocação ou questionamento de forma imediata e loquaz pode impressionar os ouvintes, entretanto, pode causar, também, aborrecimentos diversos.

Manter-se sereno apesar da agitação em torno de nós ou diante de problemas de grande magnitude demonstra maturidade, bom senso, prudência. Devemos afastar de nós a ideia de revide, de represália e nos imunizar contra a sensação de que somos incapazes de manter o controle sobre a própria existência.

A calma, por sua vez, é a melhor conselheira nos momentos de crise. Por isso, com ela só temos a ganhar. Já, se dominados pela cólera, só temos a perder. Dificilmente tomaremos as melhores resoluções se estivermos sob efeito da emoção mais forte e descontrolada.

E quanto à paciência, este é o medicamento de todas as horas. Não adianta se exasperar quando certas coisas não acontecem no nosso tempo, quando dependem de terceiros. Podemos exemplificar com assiduidade e respeito aos compromissos assumidos, mas não temos a força para mudar os outros.

Por fim, algo bem breve sobre **SOMBRAS**. Todos nós temos algumas delas senão não estaríamos mais estagiando no planeta Terra. Use o autoexame e identifique quais são as suas principais sombras e ilumine-as com as luzes opostas. Não se deixe vencer pelas suas próprias limitações. Não as aceite como normais. Elas, sejam quais forem, não fazem parte da sua individualidade. São temporárias e devem ser combatidas com determinação e força de vontade.

Substitua as sombras da tristeza pela alegria e gratidão por viver. Troque a sombra do comodismo pelo trabalho que enobrece. Não se resigna com a sombra dos hábitos pouco saudáveis e recomece. Não se aposse das sombras da ingratidão, do ódio, da revolta ou do egoísmo. Coloque no lugar de tudo isso a boa vontade, o desejo de servir, o desprendimento e o olhar de irmão para com todos.

O livro que vamos comentar nesta edição é “Evo-cações, o elo perdido”, de autoria de Gilberto Allievi, advogado e empresário. Iniciou suas atividades espíri-tas em 1977 no Centro Espírita Luz Eterna de Curitiba e foi um dos fundadores do Centro Espírita Vivenda de Luz da cidade de Toledo – PR onde reside. Atuou, também, como redator de jornais espíritas e atualmente é palestrante e diretor do IDEAK – Instituto de Difusão Espírita Allan Kardec.

A obra é uma publicação da editora Kardec Books, foi lançada no final do ano passado e tem 228 páginas.

O objetivo do livro está enfatizado em todas as suas páginas: resgatar a prática das comunicações mediúnicas através de evocações, rompendo com o “modelo tradicional” de só se esperar nestas reuniões as manifestações espontâneas dos espíritos. No caso de retorno às bases, tem-se a possibilidade de estreitar os laços entre encarnados e desencarnados de sua convi-vência.

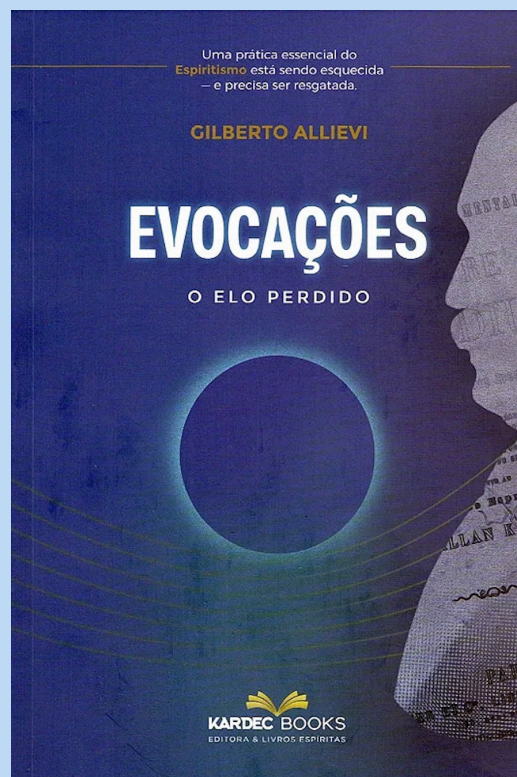
Para atestar sobre a importância das evocações maximizando a utilização da faculdade mediúnica, mesmo em tempos atuais, Allievi recorre, por exem-plo, a dezenas de citações do próprio Codificador Al-lan Kardec tanto nas Obras Básicas como na Revista Espírita. Valendo-se deste embasamento e com intensa força argumentativa, demonstra de maneira inequívoca que as evocações não deveriam ter sido abandonadas pelo Movimento Espírita.

Sua aplicação visando “esclarecer, consolar e comprovar mais facilmente a imortalidade da alma”, segue necessária mesmo nos tempos de hoje, não se restringindo, de modo algum, às necessidades e tempos iniciais do Espiritismo. Entre tantos apoios ancoradas em Kardec favoráveis às evocações está o item 269 de “O Livro dos Médiuns”.

Antes de prosseguirmos, cabe informar que o trabalho de Allievi é fruto das experiências adquiridas em vários anos em grupos mediúnicos do centro espírita que ele frequenta.

O livro está dividido em 26 capítulos dos quais destacamos alguns deles: *Por que calaram os Espíritos? Da formação dos médiuns pela evoca-ção do anjo guardião; Das evocações; Os Espíritos evocados vêm com alegria e retornam com mais alegria; Evocações de parentes e amigos. Dulcíssima consolação; Evocações no lar: Allan Kardec as incentiva!; Mensagens do espírito Verdade incentivando as evocações; “O telefone toca de lá para cá” – e de cá para lá; O caráter progressivo do Espiritismo e a falácia do perigo das evocações; Hermínio de Miranda e o Diálogo com as Sombras; A experiência com as evocações. Parentes. Amigos. Anjos guardiães.*

Todo o Movimento Espírita conhece a importância das instruções contidas nesta obra no trato das reuniões de desobsessão. Gilberto Allievi informa no referido capítulo que o próprio espírito de Hermínio manifes-



É justamente sobre um destes capítulos citados, o XXI, que envolve o escritor Hermínio de Miranda e seu livro “Diálogo com as Sombras”, que pretendemos fazer um comen-tário à parte.

tu-se por evocação mais de uma vez no grupo de tra-balho mediúnico, oportunidades em que se retratou do que havia escrito em vida naquela obra.

Admitiu estar equivocado ao atribuir um pa-pel exclusivo de atendimento a espíritos sofredores e obsessores. Não há no livro, segundo uma leitura do coordenador do grupo, nenhuma referência sobre a importância da mediunidade como prova da imorta-lidade nem sobre a possibilidade de presença do ‘anjo guardião’.

Em uma destas declarações, Hermínio de Mi-randa diz que (...) *como autor de uma obra que la-mento tê-la escrito...*. Longe de qualquer julgamento, parece-nos exagero este *mea culpa*. Pelo fato de omitir outras aplicações da mediunidade, não significa que a obra seja má e de nada sirva. Pelo contrário. Além do mais, se “Diálogo com as Sombras” trata de um aspecto de uso especializado da mediunidade, isto, por si só, já representa uma comprovação plena de reali-dade.

Uma observação interessante que o autor de “Evo-cações...” faz é sobre as obsessões tratadas em “O Livro dos Médiuns” que teriam todas elas, sempre como alvo o desenvolvimento e atuação de médiuns e não de pessoas comuns assediadas por outros meios.

Os objetivos das reuniões mediúnicas predo-minantemente marcadas pelas evocações, como dito antes, seriam comprovar mais amplamente a sobrevi-vência do espírito a pessoas céticas ou iniciantes no Espiritismo, esclarecer os encarnados sobre as condi-ções de parentes e amigos desencarnados e consolar.

Nas palavras do próprio autor: *Durante as evo-cações, os temas abordados tratam de situações coti-dianas, aspectos da vida pessoal, como o reencontro com amigos e parentes, dos quais recebemos informa-ções, orientações e conselhos.* Não seriam evocados espíritos inferiores, principalmente obsessores que di-ficilmente mudam de opinião e propósitos só com uma

sessão de doutrinação.

A uma análise mais superficial, pode parecer que a repetição de evo-cações somente com estas finalidades poderia provocar um esvaziamento das reuniões, porém, não parece ser o caso, segundo o relato do autor, tendo o grupo, a partir de certo estágio de maturidade, passado a evocar espíritos ligados a pessoas de fora do grupo e com elas presentes.

O capítulo 26 é todo ele dedicado a casos reais – 19 ao todo – de ma-nifestações espirituais por evocação e no final há um “anexo” com o roteiro utilizado pelo grupo para as reuniões deste tipo.

O livro pode causar algumas polêmicas, mas, inegavelmente, vem acrescentar conhecimento e debate – sem mencionar a possibilidade prática – sobre um tema mal interpretado pelo Movimento Espírita, preenchendo uma lacuna na literatura espírita.

Contatos com o autor através do *whatsapp* (45) 999711563.